

# LINGUASAGEM

## DO ESTRUTURALISMO AO ORDINÁRIO DO SENTIDO: UMA BREVE LEITURA<sup>1</sup>

Vanise MEDEIROS<sup>23</sup>

**Resumo:** Com este artigo, pretendo, à luz da História das Ideias Linguísticas na relação com a Análise de Discurso Materialista, uma reflexão acerca de uma corrente fundamental no século XX, a estruturalista. São dois os gestos aqui engendrados: o primeiro, uma investigação em dicionários de campos teóricos da linguística publicados no Brasil (seja de autores brasileiros ou estrangeiros) do verbete estruturalismo (e afins), visando compreender como aí se organizam os saberes e a memória sobre linguística estruturalista; o segundo, uma leitura no livro de Pêcheux, *O Discurso: estrutura ou acontecimento*, tendo como mote o que aí se discute acerca da estrutura.

**Palavras-chave:** estruturalismo, dicionários, História das Ideias Linguísticas; Análise de Discurso Materialista.

**Abstract:** With this article, I intend, in the light of the History of Linguistic Ideas in relation to the Analysis of Materialist Discourse, to reflect on a fundamental current in the 20th century, the structuralist. There are two gestures engendered here: the first, an investigation in dictionaries of theoretical fields of linguistics published in Brazil (whether by Brazilian or foreign authors) of the entry structuralism (and the related), aiming to understand how knowledge and the memory of structuralist linguistics is organized there; the second, a reading of Pecheux's book, *Discourse: structure or event*, having as it's motto that which is discussed there about structure

**Keywords:** structuralism, dictionaries, History of Linguistic Ideas; Materialistic Discourse Analysis.

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto de uma palestra feita no I Congresso Interdisciplinar Estruturalismos, ocorrida na UERJ em 2019. Agradeço à leitura e aos comentários de André Cavalcante e agradeço ainda à presença de Thais Costa e aos seus **comentários no evento em foco**.

<sup>2</sup> UFF; FAPERJ; CNPq. E-mail: vanisegm@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Este artigo se inscreve nos projetos FAPERJ CNE (Proc. n.º E-26/211.459/2019) e CNPq (PQ, Proc. 305428/2018-7). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6998-9377>

*Como diz Puech (1995), e no Brasil não é diferente, o estruturalismo é justamente esta “precipitação” que deixa sedimentar no fim dos anos 50 a esperança de uma unidade em ciências humanas e mesmo para além dos cortes cultura científica/ letrada/ da natureza/ cultura, recompondo relações entre disciplinas. (ORLANDI, 2009, p. 124)*

Pensar sobre o estruturalismo no século XXI e reler Pêcheux movida por esta corrente que se fez soberana no século XX é o que move a reflexão aqui empreendida. Este artigo se divide, pois, em duas partes: da visita aos dicionários em busca do verbete Estruturalismo e da releitura de um certo escrito de Pêcheux, qual seja, aquele, fruto de uma conferência em Illinois, em 1983, publicado em livro nos EUA em 1988 e no Brasil em 1990, que se intitula *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*<sup>4</sup>. Voltei a ele levada pelo estupor do que fui encontrando/descortinando com minhas buscas e investigações sobre estruturalismo, afinal, recuperar no dicionários tal corrente me levou ao encontro do que Sacks afirma em seu livro:

Podemos examinar a história das ideias voltando ou avançando: reconstituir as primeiras fases, as insinuações e as antecipações das coisas que hoje sabemos, ou nos concentrar na evolução, nos efeitos e influências das coisas que pensávamos no passado. Qualquer que seja o caminho escolhido, podemos imaginar que a história se revelará como um contínuo, um avanço, uma propagação como na árvore da vida de Darwin. Contudo, o que frequentemente encontramos está bem longe de ser uma propagação majestosa e muito longe de ser um contínuo em qualquer acepção do termo. (SACKS, 2017, p. 136).

### **Uma corrente do século XX**

Estruturalismo. Uma corrente que marca os pensamentos em vários campos do século XX, ou melhor, como muitas vezes foi indicada em livros de linguística: a corrente teórica fundadora dos estudos linguísticos. Gosto da palavra corrente para pensar estruturalismo, isto é, no que esta imagem nos traz da necessidade da água e de sua movência: o estruturalismo, diria, tem a potência da água que irriga ou irrigou vários campos teóricos e disciplinares da nossa atualidade; por vezes, como um rio subterrâneo, que não se deixa ver ou saber<sup>5</sup>. O que falar se afinal tanto já se disse sobre

<sup>4</sup> Na publicação original: *Discourse, Structures or Event?* (1988).

<sup>5</sup> André Cavalcante me fez lembrar outra imagem da corrente: a que aprisiona. É interessante jogar com essa equivocidade para refletirmos sobre estruturalismo no que ele trouxe de potência e de aprisionamento.

estruturalismo, sobretudo no século XX? E no nosso século? O que dele se diz? Tantos caminhos... qual deles trilhar?

Trabalho em dois campos teóricos que se entrelaçam no Brasil: a Análise de discurso Materialista e a História das Ideias Linguísticas. Talvez por me situar nestes dois terrenos, meu primeiro gesto foi o de ir aos dicionários de Linguística em busca do verbete estruturalismo. Como se sabe, dicionário é um dos instrumentos linguísticos, conforme Auroux, ao lado de gramáticas.

De imediato, diante da pergunta o que faz um dicionário, uma resposta trivial seria dizer que lista “verbetes, classifica-os, divide-os morfológicamente, define-os, relaciona-os a outros verbetes, aponta suas possíveis origens etimológicas, fornece exemplos.” (FERRARI; MEDEIROS, 2012, p. 89) e configura deste modo uma prática de atribuir/conferir sentidos. Um analista de discurso, diria que

o dicionário tece um intrincado jogo de delimitação dos sentidos; e, no entanto, em cada uma dessas já corriqueiras práticas, aquilo que não é formulado se inscreve, o não dito se faz presente e aponta outras pistas de leitura. Em sua materialidade linguística, podem ser lidas rotas de sentidos, com seus desvios, atalhos, buracos, tapumes.

Para muitos (lexicógrafos ou não), ler verbetes em um dicionário é perceber que as palavras têm peso, têm história. Eles diriam: as palavras envelhecem e também mudam de sentido. Para um analista de discurso, não se trata apenas de envelhecimento ou de mudança de sentido. As palavras são inerentemente porosas; não representam o real, ao contrário, trabalham tensamente uma relação com o real. (idem, 2012, p. 89).

Os dicionários de campos do saber (de linguística, de filosofia, de sociologia, por exemplo), por sua vez, são dicionários de conceitos, cujo funcionamento é distinto daquele do dicionário de língua. Consistem em dicionários disciplinares – como é o caso dos dicionários de Linguística –, isto é, consistem em objetos que servem à sedimentação, legitimação e circulação de saberes. Suas implicações são, portanto, outras. Recupero o que afirmei em outro artigo ao refletir sobre verbetes em dicionários de linguística:

Trata-se não de um verbete qualquer (palavras que o habitam como conhecidas ou desconhecidas), mas de dicionário que opera com conceitos, com áreas de saber e com referências a obras e autores. Um dicionário de área – como é o caso dos dicionários de linguística – faz comparecer ou desaparecer conceitos, escolas e autores. Faz valer como sendo deste e não daquele autor ou escola tal conceito. Fixa como sendo assim e “não assado”. Neles o jogo que qualquer dicionário engendra, que é dar existência no gesto de fazer constar um verbete e sobre ele predicar, se enlaça ao de atribuir referência e lugar:

tal conceito é assim, de tal autor e de tal escola... Esta é, digamos, sua fórmula; este é seu funcionamento. (MEDEIROS, 2012, p. 50).

Cabe ainda acrescentar que tais dicionários funcionam, nos campos do saber, como lugares de memória, valendo-me de Nora (1997), cujo efeito é o da legitimidade. Neste sentido, uma ausência pode resultar em apagamento, cujos rastros, por vezes, se tornam rarefeitos, difíceis de seguir; podem mesmo se fazer desaparecidos.

Minha busca pelos dicionários se restringiu aos brasileiros ou editados no Brasil. E me surpreendi. Eis o estupor: não há nenhum dicionário do *Estruturalismo* em circulação no Brasil<sup>6</sup>. Há dicionários de *Semiótica*, de *Análise de Discurso*, de *Sociolinguística*, de *Linguística da Enunciação*... mas não de *Estruturalismo*. Tenho a hipótese de que esta ausência talvez decorra do aparecimento de dicionários de campos teóricos na linguística no século XXI e, como a corrente teórica estruturalista é sobremaneira do século XX, talvez advenha daí a inexistência de um dicionário do Estruturalismo. No entanto, isto não parece explicar tal lacuna dada a importância do estruturalismo para a Linguística. Courtine nos avisa: “Não há disciplina sem dicionário, não há conteúdo sem sumário, não há autores sem index” (COURTINE, 2015, p. 25). Será? Fica a questão.

Mergulhei, então, nos dicionários de linguística em busca do verbete estruturalismo. Consultei cinco dicionários de linguística, a saber: *Dicionário de Linguística e Gramática* (MATTOSO CÂMARA, [1977]1984), *Dicionário de lingüística* (DUBOIS [1973]1993), *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem* (TODOROV; DUCROT ([1972]1977), *Dicionário de Lingüística e fonética* (CRYSTAL [1985]1988), *Dicionário de Linguagem e Lingüística* (TRASK [2004]2011). Além destes, fui a outros dicionários específicos, a saber: *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS, COURTÉS, [1993] 2008), *Linguística da Enunciação* (FLORES, BARBISAN, CORACINI, TEIXEIRA, 2009), *Dicionário crítico de sociolinguística* (BAGNO, 2017) e *Dicionário de análise do discurso* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, [2002] 2004). Minha entrada nos dicionários se fez pela busca do verbete *estruturalismo*. Como dicionários remetem a outros verbetes, fui caminhando pelas trilhas por eles sinalizadas, na vertigem do gesto palavra-puxa-palavra (PETRI, 2018).

Em Mattoso Câmara ([1977]1984), nosso primeiro e ainda único dicionário brasileiro de Linguística, há dois verbetes – *estrutura* e *estruturalismo* – e o primeiro

<sup>6</sup> A busca por dicionários de Linguística em outros países e línguas fica por ser feita.

envia tão somente ao segundo. Uma observação importante: estou seguindo verbetes, mas é preciso reforçar que *Estruturalismo* é uma teoria, de grande valor no século XX, e *estrutura* é uma noção. Esta é uma distinção relevante, embora nem sempre exposta em tais materiais. No dicionário em foco, não há nomes referenciados; aí diremos que Saussure comparece pelas noções que se fazem presentes, tais como oposição, irregularidade, analogia, sincronia e mudanças linguísticas, além da relação sinonímica que se estabelece entre estrutura e sistema. Observe-se o fragmento inicial:

Propriedade que têm os fatos de uma língua de se concatenarem por meio de correlações e oposições (Oposição), constituindo em nosso espírito uma rede de associações ou ESTRUTURA. É por isso que se diz ser a língua um SISTEMA. (verbeta Estruturalismo. MATTOSO, [1977]1984: 111)

E o verbete sistema remete tão somente a estruturalismo: “SISTEMA – v. estruturalismo” (verbeta Sistema. MATTOSO, [1977]1984, p. 224). Vários são os aspectos interessantes neste verbete. Fico com dois que se entrelaçam: Saussure, uma presença ausente. Estruturalismo, uma corrente aí sem nomes.

Em Dubois ([1973]1993) também se encontram os dois verbetes já indicados; agora desenvolvidos. Alguns são os aspectos que pretendo destacar: neles se indica no verbete *estrutura* a “diversidade de estruturalismos” que será reforçada em *estruturalismo*:

O termo *estruturalismo* se aplicou e se aplica, conforme as pessoas e os momentos, a escolas linguísticas bastante diferentes. [...] Têm em comum certo número de concepções e de métodos que implicam a definição de estrutura em linguística. (verbeta Estruturalismo, Dubois, [1973] 1993, p. 248).

Neste, são vários os nomes referenciados – Jakobson, Benveniste, Saussure, Bally, Bloomfield, Bar-Hillel, Martinet – e se faz também remissão a diversas correntes e escolas –

Se deixarmos de lado, no momento, o estruturalismo transformacional (V. GERATIVA [GRAMÁTICA]), as diversas escolas (V. DISTRIBUCIONALISMO, FUNCIONALISMO E GLOSSEMÁTICA) fundamentam a linguística sobre o estudo dos enunciados realizados. (idem, p. 248, caixa alta do autor).

postas de lado para se ater ao que seriam pontos em comum a “um certo número de concepções e de métodos que implicam a definição de estrutura em linguística”, como lemos anteriormente.

No extenso verbete que se estrutura em cinco itens, ficamos sabendo, por exemplo, do impasse à noção de sistema como imutável, das consequências metodológicas dos princípios estruturalistas nos estudos do fonema e do morfema, do método indutivo, da prática assentada no binarismo, da rejeição da teoria a outras que recorrem ao contexto, dos méritos da teoria tanto no que concerne à descrição das línguas quanto no que diz respeito ao fato de ter “estabelecido as bases teóricas da ciência da linguagem”. Por fim, lemos sobre suas dificuldades e sua contradição:

As dificuldades do estruturalismo residem, portanto, no que fez seu sucesso: a análise a partir dos textos realizados levou ao menosprezo pela criatividade da linguagem, sobre a qual a gramática gerativa coloca a tônica; a noção de sistema, sem excluir inteiramente a diacronia (a histórica), não deixou de levar à negligência pelo estudo histórico da língua; o desejo de objetividade, minimizando as manifestações do falante, fez abandonar as pesquisas sobre a incidência da fala. O estruturalismo acabou por achar-se em contradição consigo próprio: ao não estudar senão os *corpora* (e não o conjunto de frases possíveis), negou-se a tomar em consideração as condições de produção. (idem: 251)

O verbete se fecha indicando a contradição que se dá pela não consideração das condições de produção. Uma observação necessária: Dubois foi professor da Université de Paris X – Nanterre, e, conforme Mazière ([2005]2007), é quem “introduz o sintagma ‘análise do discurso’”, na França. Lexicógrafo, inscrito na tradição filológica francesa, “passava da análise em língua à análise em uso” (MAZIÈRE([2005]2007). Neste verbete, lemos não somente o impasse advindo de outras teorias, mas o impasse que a análise do discurso a ele coloca: a não consideração das condições de produção, conceito motor em Análise do Discurso. E ainda, diria, denuncia a não escuta do ordinário do cotidiano, a que chegaremos na segunda parte deste texto.

Com Todorov e Ducrot, estamos diante de um outro tipo de dicionário: o enciclopédico, cujo funcionamento é distinto (cf. NUNES, 2017; ESTEVES, 2017, sobre tal distinção). Este é organizado em quatro eixos – (i) *As Escolas*; (ii) *Os Domínios*; (iii) *Os Conceitos Metodológicos*; (iv) *Os Conceitos Descritivos* – que se subdividem em vários itens-capítulos assinados por Todorov ou Ducrot, ou ainda por três outros colaboradores. Não há escola estruturalista na parte circunscrita a Escolas. Somente no eixo *Conceitos Descritivos* encontra-se uma entrada intitulada *Estruturas superficiais e estruturas profundas*, assinada por Ducrot. Aí se lê sobre a linguística gerativa: “A Linguística gerativa foi a primeira a dar às expressões o estatuto de termo técnico [...]” (TODOROV e DUCROT, 1977, p. 229). Este dicionário conta, ao final,

com um *Índice de termos definidos* onde se acham os termos *estrutura*, *estrutura distribucional*, *estrutura profunda*, *estrutura superficial*. Não se trata de verbetes; seu funcionamento é de um índice remissivo a termos que comparecem no interior dos textos. Sobre os dois primeiros lemos, respectivamente:

A esta organização inerente a toda língua, Saussure denomina SISTEMA (seus sucessores falam amiúde de ESTRUTURA) (TODOROV, DUCROT, 1977: 27, caixa alta do autor)

Do ponto de vista da linguística saussuriana, o Distribucionalismo suscita certas dificuldades, das quais uma das mais apontadas é a determinação das unidades. Para Saussure, os elementos nunca são dados, e sua descoberta compõe uma e mesma coisa com a do sistema [26 e s.]. Ora, um estudo distribucional parece implicar, por definição, o conhecimento prévio dos elementos [...] (TODOROV, DUCROT, 1977:44)

Os três últimos (*estrutura distribucional*, *estrutura profunda*, *estrutura superficial*) encontram-se inseridos na parte já referida e destinada à linguística gerativa. Em poucas palavras, não dispomos neste dicionário enciclopédico de indicação de escolas ou correntes estruturalistas. Não há sequer um capítulo indicado como Estruturalismo. Ficamos sabendo por ele que estrutura funciona como sinonímia de sistema, algo que se repete amiúde nos cursos de Linguística. Temos ainda, transversalmente, uma divergência entre duas correntes linguísticas – saussuriana e distribucionalista – e ficamos sabendo de uma outra, gerativa.

Hora de Crystal. São vários os verbetes: *estrutura*, *estrutura P*, *estrutura profunda*, *estrutura remota*, *estrutura-S*, *estrutura superficial*, *estruturalismo* (*estrutural*, *estruturalista*), nos quais, em sua maioria, expõem a linguística gerativa. Vejamos algumas sequências dos verbetes estrutura e estruturalismo:

Em seu sentido mais geral, e conforme a acepção definida nos estudos ESTRUTURALISTAS do comportamento e das instituições humanas, o termo se aplica à principal característica abstrata de um SISTEMA SEMIÓTICO. Uma LÍNGUA, por exemplo, é uma estrutura [...] Assim, os termos “estrutura” e “sistema” são frequentemente sinônimos [...] (verbe estrutura, CRYSTAL, 1988: 99, caixa alta do autor)

[...] No sentido geral, SAUSSUREANO, as ideias estruturalistas se enquadram em qualquer escola de linguística. No entanto, o termo estruturalismo pode ter uma definição mais restrita, como a BLOOMFIELDIANA nos processos de SEGMENTAÇÃO e CLASSIFICAÇÃO dos traços físicos do ENUNCIADO (ou seja, o que Noam Chomsky mais tarde denominou de ESTRUTURAS



SUPERFICIAIS) [...] (verbetes estruturalismo, CRYSTAL, 1988, p. 99, caixa alta do autor)

A contribuição desta noção [estrutura] na linguística fica evidente no conceito mais geral de **estruturalismo**, conforme formulado na obra do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-) e outros. (verbetes estruturalismo, CRYSTAL, 1988, p. 101, negrito do autor)

Mais uma vez a associação estrutura e sistema – é interessante observar como a noção de sistema, que tem suas raízes no século XIX, vai sendo significada como estrutura sinônimo de estrutura nos dicionários. Aqui se indica o antropólogo Lévi-Strauss na sedimentação do conceito de estrutura. Novamente a remissão a teorias que germinaram em solo estado-unidense, produzindo dois efeitos interligados: (i) o de que o estruturalismo migrou da Europa para os EUA e lá se fortificou e produziu outros frutos; e (ii) o do desaparecimento de tal corrente na Europa.

Há ainda algo que julgo relevante trazer deste dicionário publicado na Inglaterra em 1985:

No campo da linguística, o termo “estruturalismo”, aparece em diversos contextos da FONOLOGIA, GRAMÁTICA e SEMÂNTICA. A gramática estruturalista, de modo geral, é agora uma ultrapassada concepção de análise gramatical, ainda que possa ser vista em várias áreas da LINGUÍSTICA APLICADA (como nos exercícios estruturais no ensino de língua estrangeira) (verbetes Estruturalismo, CRYSTAL, 1988, p. 101)

Estamos nos anos 80, momento em que diversas correntes linguísticas brotam à luz das críticas ao estruturalismo. E, neste dicionário, se explicita que uma gramática estruturalista seria ultrapassada, ainda que encontrada em exercícios de ensino de língua estrangeira. Necrológio de um campo teórico?

O último dicionário é o de Trask ([2004]2011). Os verbetes que nele se encontram são *estrutura*, *estrutura coordenativa*, *estrutura de constituintes*, *estrutura profunda*, *estrutura superficial*, *estruturalismo*. É interessante notar que, ao final do verbete *estrutura*, indica-se a diferença entre sistemas nas línguas e abordagem estruturalista e remete-se tanto para estruturalismo quanto para sistema. Observem-se fragmentos dos verbetes *estrutura* e *sistema*:

A abordagem do estudo da língua conhecido como *estruturalismo* recebe seu nome devido ao fato de realçar a importância de reconhecer unidades estruturais em todos os níveis, mas, a bem da verdade, o reconhecimento de **sistemas** nas línguas não é menos importante do que a abordagem estruturalista.



Ver: **estruturalismo, relação sintagmática, sistema.** (verbete Estrutura, TRASK, [2004] 2011, p. 96, negrito do autor).

Um conjunto de possibilidades numa língua, juntamente com as regras que permitem escolher entre elas. O grande *insight* do estudo da língua conhecido como **estruturalismo** foi o reconhecimento de que a melhor maneira de estudar a língua é como um *sistema* de elementos, cada um dos quais é definido, por seu lugar dentro do sistema, elo modo como se relaciona aos outros elementos. (verbete Sistema, TRASK, [2003]2001: 274, negrito do autor).

Se no verbete sistema, nomes não comparecem, se Saussure é apagado, no verbete estruturalismo, seu nome comparece ao lado de vários outros como Sapir, Bloomfield, Chomsky. Jakobson, Lévi-Strauss. E ainda Saussure é recuperado como precursor de uma virada na perspectiva do estudo da língua e como sendo fundamental para a orientação na linguística europeia.

No início do século XX, o linguista Ferdinand de Saussure introduziu uma perspectiva muito diferente: ele defendeu a ideia de que se faz mais justiça às línguas considerando-as como sistemas estruturados, no interior dos quais cada elemento se define primordialmente pela maneira como está relacionado aos outros elementos. Segundo essa perspectiva, que recebeu o nome de *estruturalismo*, o objeto primário de estudo é o sistema [...] (idem:100)

A influência de Saussure fez com que o estruturalismo se tornasse a orientação dominante na linguística europeia. Nos Estados Unidos da América, ideias estruturalistas foram desenvolvidas de maneira relativamente independente por Edward Sapir e, especialmente, por Leonard Bloomfield. (p. 100)

As remissões que se acham ao final do verbete estruturalismo são *linguística cognitiva; gramática gerativa; linguística*. O percurso do verbete linguística tem início com a referência aos estudos sobre a linguagem na antiga Índia e antiga China, passa pelos séculos XVII, XVIII e XIX na Europa, traz Saussure e desemboca nos EUA, acentuando a linguística gerativa. Como ocorreu como nos dois últimos dicionários, neste também vai se tecendo uma história na qual o estruturalismo migra para os EUA e resulta no gerativismo.

Em linhas gerais, em todos os dicionários, Saussure compareceu, explícita ou implicitamente, como referente primeiro e como ponto de passagem para a noção de estrutura. E, à exceção do dicionário de Mattoso Câmara, o gerativismo foi colocado como dando seguimento ao estruturalismo.

Consultei ainda quatro dicionários específicos publicados no Brasil, como indicados, de Semiótica, de Enunciação, de Sociolinguística, de Análise de Discurso.

Procurei e não achei um dicionário de gerativismo, a não ser na internet. Outra ausência interessante, ao menos em livros impressos em papel. Dentre os quatro que citei, somente o *Dicionário de Semiótica* de Greimas porta os verbetes estrutura e estruturalismo (além de estruturação). Não vou me ater a ele, quero marcar que a *Análise de Discurso* também é devedora do estruturalismo e, no entanto, há um silêncio nos verbetes neste dicionário sobre estruturalismo e mesmo sobre estrutura. Uma leitura atenta vai mostrar que não se trata aí de uma análise de discurso de ancoragem pecheutiana (MEDEIROS, 2012). Há silenciamentos e apagamentos sobre tal autor. Fica o incômodo de tais apagamentos...

Ler os dicionários de linguística nos permite percorrer um pouco historicidade que vai se constituindo como memória sobre a linguística. Sabemos que conhecimentos são perdidos e que podem também não ser lidos em seu tempo de rumações ou de publicação. A história das ciências não se faz linearmente, nem progressivamente. Não se faz tampouco sem impossibilidades, interdições, esquecimentos e apagamentos. Considerando os dicionários de conceitos como um lugar no qual a história da ciência vai organizando seu horizonte de retrospectão e de projeção, podemos nos perguntar: qual o lugar que aí se constrói da corrente estruturalista? E, indo adiante: quem hoje se diz ou pode dizer estruturalista?

### **Do ordinário do sentido: o próprio da língua**

*Discurso: estrutura ou acontecimento* é o livro de Pêcheux que norteia esta segunda parte da breve reflexão que empreendo aqui. Neste livro, imbricados em seus três capítulos, são três os caminhos a serem percorridos – “o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre *descrição* e *interpretação* no interior da análise do discurso” (PÊCHEUX, [1988]1990, p. 18). Um enunciado como acontecimento, *on a gagné*, quando da eleição de Mitterrand com presidente, em 1981, é o ponto de partida. Um grito que se escuta; um grito que se destaca no cotidiano; um grito que faz trabalhar o acontecimento da eleição.

Na segunda parte, começamos a encontrar a discussão acerca da estrutura, que não vem sem uma reflexão sobre o real. Cito:

Supor que, pelo menos em certas circunstâncias há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como o universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...), “há real”,

isto é, ponto de impossível, determinando aquilo que não pode ser “assim”. (O real é o impossível... que seja de outro modo).

Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra. (PÊCHEUX, [1988] 1990, p. 29, parênteses e reticências do autor).

Há real nas ciências<sup>7</sup>, Pêcheux vai nos dizer, isto é, há pontos do impossível; e neste livro em foco, ele trata do modo como algumas das ciências lidam com ele, por exemplo: “o domínio das matemáticas e das ciências da natureza lidam com o real na medida em que se pode dizer de um matemático ou de um físico que ele encontrou a solução de uma questão até então não resolvida [...]”(idem:29). Em poucas palavras, Pêcheux vai indicando que há diferentes formas de lidar com o real. Por exemplo, a criação de técnicas materiais que visam uma instrumentalização em busca de efeitos perseguidos. Essas técnicas, ele acrescenta, são transpostas para espaços administrativos (jurídico, econômico e político, como indica) que vão fazer funcionar o impossível numa lógica disjuntiva:

é impossível que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e não o tenha, que esteja trabalhando e que esteja desempregado, que ganhe menos de tanto por mês e ganhe mais, que seja civil e que seja militar, que tenha sido eleito para tal função e que não o tenha, etc... (idem:30).

Trata-se de uma lógica que, apoiada na disjunção, recusa a interpretação, isto é, uma lógica que supõe que “todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação” (idem:31) que “se inscrevem, transparentemente, em uma descrição” (idem:31). Pêcheux vai indicar que tais espaços advêm e se sustentam em uma “série de evidências lógico-práticas”:

- um mesmo objeto X não pode estar ao mesmo tempo em duas localizações diferentes;
- um mesmo objeto X não pode ter a ver ao mesmo tempo com a propriedade P e a propriedade não-P;
- um mesmo acontecimento A não pode ao mesmo tempo acontecer e não acontecer, etc. (idem:31)

Sendo breve, são espaços discursivos, logicamente estabilizados, como ele os denomina, que, recobrando regiões heterogêneas, consideram a homogeneidade a partir de uma lógica disjuntiva que se assenta na descrição. Indo adiante, Pêcheux vai nos

<sup>7</sup> Acerca da relação da ciência com real é interessante ler Pêcheux e Fichant ([1969]1971); no caso, o capítulo de Fichant (“A ideia de uma história das ciências. O conceito de recorrência”).

dizer que tal necessidade, isto é, de um mundo logicamente estabilizado, não escapa ao “sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os ‘simples particulares’ face às diversas urgências da vida” (idem:33, aspas do autor). A ciência não escapa a esse desejo; o estruturalismo tampouco:

O projeto de um saber que unificaria esta multiplicidade heteróclita de coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea, a ideia de uma possível ciência da estrutura desse real, capaz de explicitá-lo fora de toda falsa-aparência e de lhe assegurar controle sem risco de interpretação (logo uma auto-leitura científica, sem falha, do real) responde com toda evidência, a uma urgência tão viva, tão universalmente ‘humana’, ela amarra tão bem, em torno do mesmo jogo dominação/resistência, os interesses dos sucessivos mestres da terra... que o fantasma desse saber, eficaz, administrável e transmissível, não podia deixar de tender historicamente e se materializar por todos os meios. (idem:35, aspas do autor)

Eis o fascínio pelo projeto estruturalista: um “projeto de um saber que unificaria esta multiplicidade heteróclita de coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea, a ideia de uma possível ciência da estrutura desse real”.

No entanto, é preciso medir o que tal desejo encerra e o que ele tampona. É preciso, como diz Pêcheux, encarar o “fato de que a história é uma disciplina de interpretação e não uma física de tipo novo” (idem:42). E aí entra também a linguística, na medida em que seu objeto é a língua. Passemos à parte terceira do livro. É nesta parte que o autor se detém na questão do real e retorna ao “movimento intelectual que se chama estruturalismo” (idem: 43).

O movimento intelectual que recebeu o nome de ‘estruturalismo’ (tal como se desenvolveu particularmente na França dos anos 60, em torno da linguística, da antropologia, da filosofia, da política e da psicanálise) pode ser considerado, desse ponto de vista, como uma tentativa anti-positivista visando a levar em conta este tipo de real, sobre o qual o pensamento vem dar, no entrecruzamento da linguagem e da história. (idem:43-44)

De imediato ele nos chama a atenção para o fato de este movimento, em seu surgimento, ser uma “tentativa anti-positivista” que visava levar em conta “um real estranho à univocidade lógica” ao postular que “todo fato já é uma interpretação” (idem:44). No entanto, como afirma, tal movimento cede ao fantasma da ciência régia (de que tratou na segunda parte do livro), ao narcisismo teórico que reinscreve a lógica conceptual e suspende a interpretação. O fascínio da estrutura, em seu efeito de tudo dizer, ou melhor, de tudo supor dizer, paralisa, impede a interpretação. Trata-se de um

fascínio que não se faz, como lemos em Pêcheux, sem a ancoragem em procedimentos matemáticos, isto é, sem a matematização da linguística em seu desejo de universos estabilizados. Trata-se de se fiar e se firmar na descrição que tampona universos não estabilizados. Mas, se a história é uma disciplina de interpretação, tal como ele afirma lá na segunda parte de seu texto, a linguística, repetindo, também o é na medida em que seu objeto é a língua. E há o real da língua, do qual Pêcheux vai nos falar a partir das leituras de Milner.

Começamos a fechar o ciclo da reflexão que pretendemos empreender aqui a partir de uma leitura deste livro de Pêcheux. É a partir de De Certeau, mas considerando ainda a leitura anti-positivista de Wittgenstein, que Pêcheux vai sinalizar para a necessidade de “se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido” (idem:48), não o concebendo como um registro de “natureza psico-biológico”, o que o inscreveria em uma discursividade logicamente estabilizada. Ao contrário, tal escuta, que também não é sem Freud, como ele nos traz a partir de Althusser,

Foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este “quer dizer” do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo, o “quer dizer” do discurso do inconsciente – este fundo duplo do qual a linguística moderna, nos mecanismos de linguagem, pensa os efeitos e condições formais (Althusser, apud. Pêcheux, [1988] 1990, p. 45, aspas do autor)

permite a compreensão do real da língua, com seus equívocos, com sua ordem específica das quais se abstêm e se recusam abordagens teóricas calcadas na descrição e na lógica disjuntiva, nas lógicas semanticamente estabilizadas.

“Nada da poesia é estranho à língua” e “nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade de sua poesia”, são duas afirmações que Pêcheux traz de Milner para indicar que da língua faz parte o equívoco, lapso, a falta, a falha, o que, aliás, um imenso leque de teorias linguísticas insiste em descartar ou deixar de lado. Há o trabalho da poesia; há o trabalho do significante. Estes são aspectos incontornáveis. Daí a necessidade de retorno ao ordinário do sentido na escuta do cotidiano. Voltamos a *On a gagné*: acontecimento com que abre suas reflexões. Da escuta das derivas desse enunciado no início de seu texto há um percurso que nos leva ao poderio das ciências régias, ao valor e aos impasses do estruturalismo para chegarmos à língua, que comporta estrutura e que tem seu real.

Uma observação importante: se o livro se intitula estrutura ou acontecimento opondo estrutura e acontecimento, ao longo do livro, lemos algumas vezes estrutura e acontecimento. O próprio da língua, diria, comporta estrutura e acontecimento, mas não numa relação de adição. Explico.

Pêcheux vai nos falar que “o objeto da Linguística (o próprio da língua) aparece atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori [...]” (idem;51) e que a fronteira estes esses dois espaços é

difícil de determinar na medida em que existe toda uma zona intermediária de processos discursivos (derivando do jurídico, do administrativo, e das convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno dela. Já nesta região discursiva intermediária, as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar; os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, os acontecimentos têm e não têm lugar, segundo as construções discursivas nas quais se encontram os enunciados que sustentam esses objetos e acontecimentos (idem:52)

Em outras palavras, um mesmo acontecimento A pode e não pode ao mesmo tempo acontecer e não acontecer... Outro funcionamento, aquele em que a lógica disjuntiva que sustenta a descrição não dá conta do próprio da língua...

Com efeito, conforme Pêcheux,

Este caráter oscilante e paradoxal do registro do ordinário do sentido parece ter escapado completamente à intuição do movimento estruturalista: este nível foi objeto de uma aversão teórica, que o fechou totalmente no inferno da ideologia dominante e do empirismo prático, considerados como ponto-cego, lugar de pura reprodução do sentido. (p. 52).

Há um próprio da língua com o qual desde Saussure, ou talvez, arrisco, desde os comparativistas, vinha se confrontando os linguistas. O estruturalismo de certa maneira o perseguiu ao investir em sua estrutura, mas recuou ao se fechar no que supôs nela haver de estabilizado.

## REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**, Campinas, SP: Unicamp, 1992.

- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, [1977]1984.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, [2002]2004.
- COURTINE, Jean-Jacques. **A estranha memória da Análise do Discurso** (Ferreira e Indursky, orgs, 2005).
- COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, [1985]1988.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, [1973]1993.
- ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. **Discurso sobre alimentação nas enciclopédias do Brasil: Império e Primeira República**. Série Nova Biblioteca, EDUFF, 2017.
- FERRARI, Alexandre; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício, **Revista da ANPOLL**, no. 32, Tema especial: Linguística, Linguagem, história e acontecimento: no. 32. ISSN 1414-7564, p. 81-105, 2012.
- FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges, CORACINI, Maria José Bocorny, TEIXEIRA, Marlene. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, [1993]2008.
- MAZIÈRE, Francine. **A Análise do discurso história e práticas**. São Paulo: Parábola, [2005]2007.
- MEDEIROS, Vanise. Discurso(s) em movimento: lendo verbetes. *In*: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; CORREA, Fernanda Silveira (org.) **Conceitos discursivos em rede**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- MEDEIROS, Vanise; FERRARI, Alexandre Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício, **Revista da ANPOLL**, no. 32, Tema especial: Linguística, Linguagem, história e acontecimento: no. 32. ISSN 1414-7564, pp 81-105, 2012.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: LIPOVESTKI. **L'ére du vide**. Paris: Gallimard, 1997. p. 23-43.
- NUNES, José. Horta. Um espaço ético para pensar os instrumentos linguísticos: o caso do dicionário. *In*: Orlandi, E. (org.). **Política lingüística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2007.



- ORLANDI, Eni. A noção de estrutura e de estruturalismo no Brasil. *In: Língua brasileira e outras histórias*. Campinas: RG Brasil, 2009.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- ORLANDI, Eni. Claude Lévi-Strauss, Michel Pêcheux e o estruturalismo. *In: ORLANDI, Eni. Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, [1988]1990.
- PÊCHEUX, Michel; FICHANT, Michel. **Sobre a história das ciências**. Lisboa: Estampa, [1969]1971.
- PETRI, Verli. ‘História de palavras’ na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v. 13, n. 19, 2018.
- SACKS, Oliver. **O rio da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- TODOROV; Tzvetan; DUCROT, Oswald. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. SP: Perspectiva, [1972]1977.
- TRASK, J. L. **Dicionário de Linguagem e Lingüística**. Tradução Rodolfo Ilari, revisão técnica Kock, Ingedore Villaça e Senna, Thaïs Cristofaro. 3. ed. São Paulo: Contexto, [2004]2011.

#### Como referenciar este artigo:

MEDEIROS, Vanise. Do estruturalismo ao ordinário do sentido: uma breve leitura. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 197-212, janeiro, 2021.